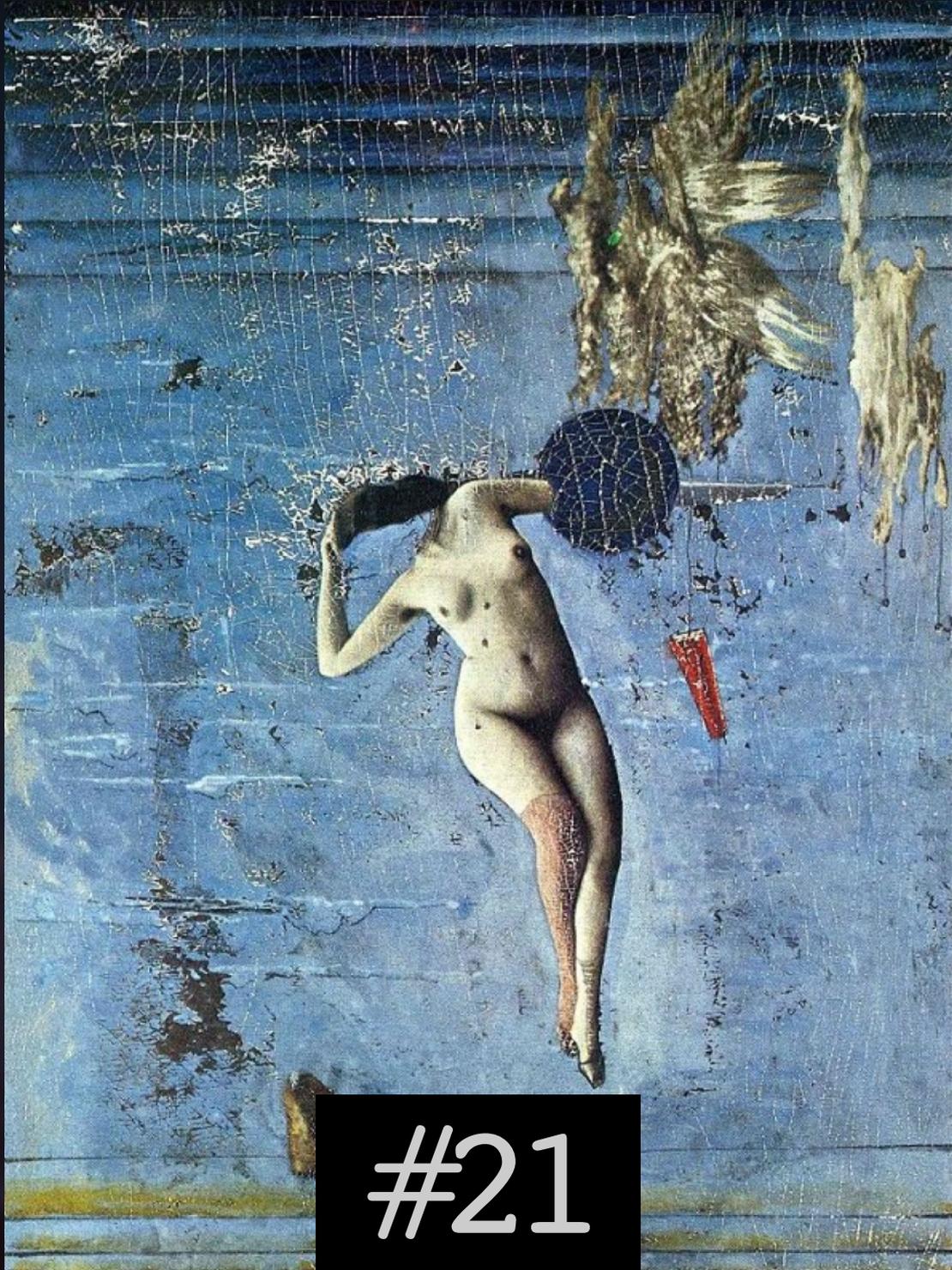


lapauz

Publicação dos
Associados do IPB

Max Ernst, "Pleiades"



#21



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)





Lapsus

Publicação dos Associados do IPB

Número 21 – novembro 2019.

Publicação do Instituto de Psicanálise da Bahia
R. Comendador José Alves Ferreira, 60, Garcia
Cep: 40100-160, Salvador/BA
Telefone(s): 71 3235.9020 | 71 3235.0080
www.institutopsicanalisebahia.com.br

EDITOR

Rogério de Andrade Barros

CONSULTORA

Mônica Hage

CONSELHO EDITORIAL

Bernardino Horne, Carla Fernandes, Jordan Gurgel,
Luiz Felipe Monteiro, Ethel Poll

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Camila Abreu, Bruno de Oliveira, Luiza Sarno,
Júlia Solano, Vanessa Leite

TRADUÇÃO

Camila Abreu

REVISÃO

Rogério de Andrade Barros, Camila Abreu, Bruno de Oliveira,
Luiza Sarno, Júlia Solano, Vanessa Leite

CAPA E EDITORAÇÃO

Bruno Senna

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2019-2021

Mônica Hage (Diretora Geral)
Carla Fernandes (Diretora de Ensino)
Marcelo Veras (Diretor de Planejamento e Finanças)

CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB - BIÊNIO 2019-2021

Maria de Fátima Sarmento (Presidente)
Ana Stela Sande (Secretária)
Bernardino Horne (Consultor)
Mário Nascimento
Paulo Gabrielli
Sônia Vicente

DIRETORIA DA EBP-BAHIA - BIÊNIO 2019-2021

Analícea Calmon (Diretora Geral)
Ana Stela Sande (Diretora de Biblioteca)
Sônia Vicente (Diretora de Ensino e Intercâmbios)
Marcelo Veras (Diretor de Planejamento e Finanças)

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

ENTREVISTA

Sonho, desejo, despertar - entrevista com Marina Recalde	7
---	----------

TEXTOS

O sonho do saber médico	15
--------------------------------	-----------

Marcelo Braz

Sonho, Real e política	18
-------------------------------	-----------

Glacyanny Lira e Marília Arruda

Percursos oníricos - o Real entre sonho e análise	23
--	-----------

Glacyanny Lira e Rhuan da Silva

Suicídio e kakon como ódio de si	27
---	-----------

Thais Correia

INTERCÂMBIO

Os limites da interpretação e o instante de despertar	32
--	-----------

Nayahra Reis

DISCIPLINA DO COMENTÁRIO

Um sonho prolongado, realização do despertar	38
---	-----------

Rogério Barros

Sonho, despertar e traumatismo	43
---------------------------------------	-----------

Wilker França

A fuga do sentido	46
--------------------------	-----------

Júlia Solano

RESENHA

Sonhos e despertares	50
-----------------------------	-----------

Luiza Sarno

EDITORIAL

Equipe LAPSUS

Rogério Barros (Editor), Mônica Hage (Consultora)

Luiza Sarno, Júlia Solano, Bruno Oliveira, Camila Abreu e Vanessa Leite.

Após um lapso de tempo, a LAPSUS retorna as suas atividades em 2019. Com nova equipe e novo layout, a publicação dos associados do Instituto de Psicanálise da Bahia desperta com a letra dos associados - um esforço de cernir o real em jogo para cada autor, a partir da sua escrita



Rene Magritte, "Le Double Secret"

singular. Sonho, desejo e despertar se tornam as três cordas enlaçadas que dão consistência à nossa publicação, permitindo que a LAPSUS se dê a ler.

Abrimos esta edição com a entrevista realizada com Marina Recalde, onde debatemos transferência, estrutura e interpretação a partir da produção onírica. Contamos também com o texto de Marcelo Braz, que nos permite pensar o lugar da psicanálise a partir do impossível sonho da medicina, tomado pelo mito de Sísifo, indicando um saber para além da repetição significativa. Do sonho da medicina ao despertar social, Glaycianny Pires Alves Lira e Marília Santiago de Arruda salientam que é através do impossível de governar que vemos surgir algo do despertar, articulando o real com a política. O lugar do sonho como travessia, própria de um percurso analítico, é debatido por Glaycianny Lira e Rhuan

Pablo. Finalizando a seção de textos, Thaís Moraes Correia aborda o suicídio como passagem ao ato.

Na seção de intercâmbio, Nayhara Reis revisita as operações freudianas e lacanianas da interpretação dos sonhos para apontar o uso do sonho como instrumento de despertar em uma análise na época atual. Sob a metodologia da disciplina do comentário, sonho e despertar são esmiuçados por Rogério Barros, Wilker França e Júlia Solano. A partir de trechos de Freud, Lacan e Miller, elucida-se a impossível aproximação ao real realizada pela construção onírica.

Fechamos a nossa edição com a resenha de Luiza Sarno do livro *Suenos y despertares: uma elucidación psicoanalítica* de Carolina Koretzky, publicado em 2019.

Desejamos a todos uma leitura desperta.

ENTREVISTA

SONHO, DESEJO, DESPERTAR: ENTREVISTA COM MARINA RECALDE

Equipe Lapsus

Por ocasião do Curso Breve do Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB), ocorrido nos dias 2 e 3 de agosto de 2019, tendo por tema “Sonho, desejo e despertar”, tivemos em solo baiano Marina Recalde, psicanalista membro da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Analista de Escola (AE) de 2013 a 2016 e docente da Universidade de Buenos Aires (UBA) e do Instituto de Clínica de Buenos Aires (ICBA).



Francis Picabia, “Bahia”, France

Aproveitando a oportunidade, a Equipe Lapsus convidou a conferencista para uma breve entrevista.

Equipe Lapsus (EL) - Você poderia falar sobre o sonho e a transferência analítica?

Marina Recalde (MR) - Quando começamos a sonhar? Quando a linguagem passa a nos habitar, isto é, quando podemos começar a colocar imagens em palavras. O sujeito sonha. E se ele faz do sonho uma história e a dirige para alguém, ou seja, para um analista, é porque ele quer saber. Ele não quer deixar esse sonho preso no sono. Dito de outro modo, o estatuto do sonho será o indicado pelo sonhador. Às vezes, o sujeito usa seu sonho para continuar dormindo, e esse sonho é reduzido a uma tentativa de elaborar o que ocorreu enquanto dormia. Ou o sujeito o utiliza para transformá-lo em uma história dirigida ao analista, na tentativa de lhe dar um uso produtivo para elaborar o trauma (em seus dois aspectos, problematismo estrutural e trauma contingente) e tentar acordar do sonho neurótico. É da maneira que eu entendo a frase de Éric Laurent, em uma entrevista conjunta com Marie-Hélène Brousse¹, que disse que se pode argumentar que “algo no sonho será transferido. É o lado do inconsciente transitório ou do sonho transferencial.” Se o sujeito decidir fazer um uso produtivo desse “algo” que vai para a transferência, será a ocasião de colocá-lo para trabalhar, com um analista, no caminho analítico. Mas deve ser direcionado a um Outro, transformado em uma história. Ao transformá-lo em uma história e colocá-lo para trabalhar sob transferência, o sonho pode ter consequências na vida do sujeito. Não é um sonho simples.

O que é muito interessante notar é o ponto em que Freud se depara com a semelhança entre o trabalho sobre o sonho e o que mais tarde será a associação livre. “Deve ser expressamente ordenado que renuncie às críticas à formações de pensamento percebidas [...]” é que essa crítica é culpada por ele não conseguir descobrir a resolução desejada do sonho, da idéia obsessiva etc”. Neste artigo (*A interpretação dos sonhos*), Freud opõe a reflexão à introspecção, mas já podemos ver o que mais tarde será uma indicação necessária em qualquer análise: associar livremente, ou seja, falar sem pensar, sufocando todas as críticas. Como acontece no sonho.

É Freud quem, desde o início, indicará que o sonho deve ser apresentado em fragmentos. Dito isto, os analistas devem ser advertidos sobre os detalhes mais próximos do método de descritografia, pois permite ler os

¹ LAURENT, É.; BROUSSE, M.H.. Entrevista “Los sueños no hablan por sí mismos”. Disponível em: <https://www.pipol9.eu/2019/03/19/eric-laurent-marie-helene-brousse-los-suenos-no-hablan-por-si-mismos/?lang=es>. Acesso em 20 de set 2019.

detalhes e não a cena completa.

No Seminário 11, Lacan estabelecerá a diferença entre o inconsciente e o sujeito do inconsciente. Se o inconsciente falha, se o sujeito é surpreendido por um ato fracassado, por um lapso, por um sonho, etc. Quem sonha? E se a resposta é que assumimos um sujeito para o inconsciente, é porque o inconsciente produz e o sujeito não entende o que essas produções significam. “Para nós, o importante é que nisto vemos o nível em que - antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que está situado nele - algo conta e é contado, e nessa contagem já existe o contador. Só depois o sujeito deve ser reconhecido nele e deve ser reconhecido como contador”. Ou seja, primeiro existe a estrutura da cadeia significativa e, em seguida, um sujeito a essa cadeia deve ser concebido. O assunto, então, não é dado de antemão. O sujeito do inconsciente é o efeito dessa cadeia significativa.

Outro aspecto que vincula o sonho à transferência analítica é justamente aquele que nos permite pensar que o uso que o sonhador concede a um sonho, tornará possível a sua transferência. Ou seja, decidir que esse sonho confirma o fim é o tempo que o analisador usa esse sonho para concluir sua análise.

Enquanto conversávamos nas reuniões que realizamos no âmbito do Instituto, vimos que temos sonhos e pesadelos em que o sonhador não acorda. É o caso de Freud com Irma, e é o caso de Raquel Cors Ulloa, quando na noite anterior chamava a secretária do passe. Ela sonha que estava à mesa do passe e um amigo íntimo diz para ela não chorar. Quando é a sua vez de falar então ela decide respirar e de repente é perseguida por um homem feio, pálido e magro: é a morte. Corra e corra, você está prestes a alcançá-lo! Há uma parede, pula, mas ele agarra a perna dela. Nesse momento, do nada, surge um braço forte e firme - é de um analista. Sem pensar, conectou os dois braços; o braço do analista e o braço da morte e se separou de ambos. Ela os libera e sai. Uma mensagem chega através do telefone celular: qual é a identificação primária da criança no final da análise?

O engraçado é que ela não acorda. É um pesadelo! A morte a persegue, agarra sua perna e ela não acorda. Como Freud com Irma, Ra-

quel quer saber. Ou seja, nas palavras de Romildo do Rego Barros², esse pesadelo retornou em um sonho, mas desta vez não deve ser decifrado. A leitura que ela faz é que é um sonho do fim. E como ela nos diz: “Pular o muro e liberar o analista me permitiu liberar as horríveis identificações dessa” menina que quase morreu”³. Agora, poderia ter sido outra leitura, outro uso que ela poderia ter lhe dado. Ou seja, poderia ter se apegado àquele braço forte e firme do analista que quebra/ interdita o braço da morte e pula. E isso também pode ter sido lido como um impulso para continuar conhecendo e mergulhando ainda mais na análise, reaparecendo a cadeia significativa para relançá-lo à livre associação. Ou seja, poderia ter sido lido como um sonho de transferência. Mas ela lê de forma diferente e decide fazer outro uso desse sonho. Outro uso de acordo com o momento da análise em que se encontrava, mais próximo do fim do que do começo.

EL - Como podemos pensar os sonhos e sua interpretação nas psicoses?

MR - Lembro-me aqui de uma diferença fundamental: na psicose, mesmo que exista um sonho, ele não pode ser interpretado no modelo neurótico. O sonho, na psicose, é levado ao nível da alucinação, onde o proibido volta no real. Então, poderíamos dizer que isso já faz com que entre no campo do que não é interpretado, do que resiste à interpretação. Razão pela qual a operação analítica não seria interpretada para encontrar um significado fálico, se não, pelo contrário, é a tentativa de produzir uma delimitação do prazer que a alucinação apresenta, atormentando o sujeito.

Nesse ponto, deve-se considerar que existem alucinações na neurose e na psicose. A diferença é que, neste último caso, as alucinações respondem ao mecanismo de exclusão, onde um significante rejeitado realmente retorna. Na neurose, alucinações imaginárias são o efeito da intrusão do imaginário entre o real e o simbólico, uma consequência da exclusão generalizada.

Isso levou Jacques-Alain Miller a se perguntar que, se todo mundo elogia, como Lacan a formulou, é necessário concluir que a ausência de

2 BARROS, Romildo Rego. O pesadelo, entre o sonho e a angustia. **Opção lacaniana**, São Paulo, n. 11, nov. 1994.

3 ULLOA, Raquel Cors. 27-28-Uno. **Revista Lacaniana**, n. 26, jun.2019.

relações sexuais constitui uma alucinação, também negativa?

Um exemplo claro de um sonho é o sonho conhecido do Wolfman. Caso em que, embora Freud tenha tentado fazê-lo entrar na neurose, a partir da orientação lacaniana, podemos lê-la como uma psicose. Mesmo retomando os pontos que Freud não fecha para colocá-lo como tal. Freud insiste em pensar sobre isso e interpretá-lo como um neurótico, mas ele também fala sobre exclusão (embora para Freud, a exclusão nessa altura não esteja ligada exclusivamente à psicose, pois é Lacan quem lhe dará esse viés). Para Freud, os sintomas intestinais mudam após o sonho dos lobos. Temos um sujeito identificado com uma mãe doente do intestino. A identificação dessa mãe tem dupla face: por um lado, apresenta uma característica histórica de identificação, mas, por outro, é evidente que o sujeito não reconhece a castração da mulher. Então, é um sonho, sim. Mas com essas peculiaridades. Essa dupla face em relação à castração perturbou Freud ao ler o caso. Até chega ao ponto de dizer que esse reconhecimento de castração trouxe consequências e localiza, na alucinação do dedo decepado, as evidências de seu reconhecimento. E a rejeição o coloca em uma regressão real da unidade no nível do id. Tudo é ordenado levando em consideração essa falta de significado fálico que permitiria uma identificação à maneira de uma neurose. Se o falo funcionasse, esse sonho poderia permitir que ele dissesse algo daquele prazer que escapa ao significante, uma mensagem endereçada ao Outro, mas ao mesmo tempo criptografada pelo prazer. Como não está funcionando, o sonho causa esse efeito sublinhado por Freud.

EL - Pensando o analista no último ensino de Lacan como aquele que “atesta com sua presença o encontro com o real”, como podemos articular o desejo do analista com o despertar?

MR - Como sabemos, o despertar como tal, o despertar final, se me permite expressá-lo, é impossível! Porque há uma dimensão do inconsciente que é inevitável. No entanto, isso não impede a aproximação de um possível despertar menos difuso na fraqueza mental, da qual sempre seremos afetados. Mas, para se envolver menos com a fraqueza mental, é necessário que haja um analista, que opere com seu desejo (ou com seu discurso, de acordo com o tempo dos ensinamentos de Lacan), e um analisador que consente com esse impulso. É assim

que entendo a frase de Jacques-Alain Miller quando ele afirma que o desejo do analista é o desejo de acordar. Frase maravilhosa, que visa justamente abalar o assunto de sua dormência neurótica. E tomo aqui uma frase que li como uma excelente orientação clínica, que é o que esta pergunta me faz entender. Miller diz: “mas apenas enquanto ele (o analista) testemunhar com sua presença e não se identificar com o suposto saber, isto é, com o que é apenas o efeito do significado, dado que o sujeito supostamente sabe, nada mais é do que o efeito de significado implicado pela possibilidade de interpretação”. Formularia isso como a vocação do analista, do analista da terceira era de Lacan, que testemunha, com sua presença, o encontro com o real⁴.”(4)

É um parceiro com o qual o analisador joga seu jogo. Sabemos que o analista é uma figura do real, que no auge dos últimos ensinamentos de Lacan ele deve estar disposto a jogar seu jogo como analista-sintético, o que aponta para isso além da dimensão terapêutica e além da dimensão da transferência inconsciente. Orientação clínica preciosa, porque mostra que a orientação não é para o real, mas é para o real, o que marca o sulco, mas que não empurra o sujeito para o pior, mas sacode-o da sonolência que a neurose produz inevitavelmente.

4

Miller, J.-A. Despertar. **Matemas 1**, Manantial, Buenos Aires, 1987, p. 120.

TEXTOS

O SONHO DO SABER MÉDICO (OU O SABER MÉDICO NÃO É UM-EQUÍVOCO)

Marcelo Braz

A medicina é uma prática que se ampara na ciência. Seja a biológica, a química, ou a física, o saber da medicina e seu discurso se sustentam em uma tentativa de leitura do real. Se há um saber no simbólico que pode ser alojado no real pela medicina, este saber não recobre total-



Christian Schloe, "The Tea Party painting"

mente o real quando faz desaparecer o sintoma no sentido fenomenológico. A medicina tenta fazer-se sujeito deste saber e o aloja no real enquanto "o analista aloja outro saber, em outro lugar, mas que deve levar em conta o saber no real" (LACAN, 2003, p. 311).

Não poderia ser diferente e nem devemos cobrar da medicina que ela abandone a prática de Hipócrates para demandar *mais ainda* do que a tarefa de Sísifo na filosofia do absurdo. A realização deste rei transformado em escravo após sua morte é fazer rolar a pedra significante (não é a pedra de Drummond) montanha acima eternamente. Cada vez que ele está a ponto de concluir seu trabalho, que domina com um saber aprendido pela repetição, se encontra com o real

e, assim, a pedra chega em um ponto que não pode ser atravessado e volta a rolar novamente para baixo impondo a Sísifo que não saia da repetição significativa, que é atemporal. Este rei transformado em escravo segue o discurso do mestre (Zeus) obstinadamente. Realiza o absurdo tal qual os homens contemporâneos, mas consciente de sua condição penitente. Produzir um saber significativo (S2) no real é a realização do absurdo que a medicina comprou sem se destruir por causa disso. Ela carrega sua pedra orgulhosa do ponto até onde pode chegar com seu “semblante de fazer-se sujeito desse saber” (LACAN, 2003, p. 311). O sonho do saber médico é modesto. E a psicanálise?

Na lição 7 (1977) do Seminário 24, Lacan afirma que: “o saber enquanto tal é o saber enquanto está no real”. Como essa frase poderia ser reformulada por Lacan para descrever o saber na sua primeira clínica? Certamente seria assim: “o saber enquanto tal é o saber enquanto está no simbólico”. Esta frase poderia ter sido proferida por Lacan durante “La primera” por assim dizer, durante o Discurso de Roma (1953), pois o que estava em jogo era a primazia da função e do campo da linguagem ante a fala, só vindo a priorizar a função e o campo da fala em “La tercera” (1974) e definindo-a aí como a superfície de alíngua. Temos então duas abordagens diferentes para o saber da psicanálise.

A primeira abordagem é a abordagem do saber articulado, do saber significativo que se aloja no Outro enquanto tesouro dos significantes. E a Outra? “O analista aloja outro saber” diz Lacan. Que saber seria esse alojado no Outro enquanto meio de gozo? Já vimos que não é um saber enquanto está no simbólico. A outra abordagem é um retorno a Freud no texto “O inconsciente” (1915). O homem de letras por trás da aparência de médico sustenta que a primeira tóptica tem uma dinâmica entre o inconsciente e o pré-consciente marcada por duas transcrições. Para que um saber pré-consciente, um saber inconsciente no sentido apenas descritivo possa tocar algo do inconsciente propriamente dito, sistêmico, é preciso que aquilo que é uma representação de palavra (S2) esteja ligada a uma representação de coisa (S1). Para Freud, o verdadeiro saber é o saber que toca o corpo. E só se toca o corpo quando a representação se faz *coisa*. Este é o saber caro para a psicanálise. Em Lacan, o saber do Um, do S1 serial encarnado num corpo que se goza sem sujeito e sem dito.

Um-dizer real que afeta o corpo, idêntico a si mesmo. Pierre Augustin Caron teria sido o primeiro a afirmar que “saber é saber fazer”, “saber fazer aí” diria Lacan, no furo $S()$, saber fazer com Um-saber disjunto ao pensado do racionalismo cartesiano. Um-saber impossível de integrar à articulação significante. Há Um-signo que não significa coisa alguma, mas pode significar qualquer coisa equivocada. Um-equívoco dissociado da mentira e afim ao verdadeiro, ou seja, afim ao real de Um-saber corporal.

Referências

- BASSOLS, Miquel. **A psicanálise, a ciência, o real**, in *Opção Lacaniana 11*. Rio de Janeiro: EBP, 2015.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record Ed., 2019.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume XIV**. 3 ed. Rio de Janeiro, Imago Ed, 1969.
- IRIZAR, Lierni. **El cuerpo, extraño**. Bilbao: Ediciones Beta II milênio, 2016.
- LACAN, Jacques. **A terceira**, in *Opção Lacaniana 62*. Rio de Janeiro: EBP, 2011.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20, Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 24, O não-sabido que sabe de Um-equívoco é o amor** (inédito). Salvador: EBP-BA, 2019.
- LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SONHO, REAL E POLÍTICA

Glaycianny Pires Alves Lira

Marília Santiago de Arruda

“[...] para que representemos uma realidade é preciso antes sonhar. [...] Ou seja, para viver, é preciso sonhar”.
(Ana Costa)

O ano é 2019 e há algum tempo a forte sensação de descrença e instabilidade toma conta da população brasileira e de sua máquina pública. A enxurrada de acontecimentos surreais nos faz questionar o status da nossa realidade. “Será tudo isto um sonho?”

Freud (1900), nos primórdios dos seus textos já considerados psicanalíticos, inaugura um conceito sobre a temática onírica que



Salvador Dalí, “La jirafa en llamas”

reverbera até hoje, ele trata o sonho como uma formação do inconsciente e aposta que seu conteúdo é produto da realização de desejos inconscientes que resultaram do *processo psíquico primário*, com deformações severas exercidas pelo *processo psíquico secundário*, com a chancela dos trabalhos da *censura*.

Segundo Freud (1900), pelo viés tópico, o processo primário é caracterizado pelo sistema inconsciente e o processo secundário, avançando através de como ele propõe pensar o aparelho psíquico, enquanto dividido, é descrito como o sistema pré-consciente – consciente; ou seja, há, aí, o aparecimento de um segundo ponto, econômico-dinâmico, de pensar o escoamento de energia psíquica e, portando, o fluxo inconsciente – consciente de pensamentos. Essa manifestação do inconsciente pode ser pensada através de suas formações: os sonhos, os chistes, os atos falhos – o que nos coloca a pensar sobre o sonho enquanto conteúdo direto desse inconsciente, passível de interpretação e, em alguma medida, decifração; sendo, portando, analisável.

Já Lacan (1964) propõe pensar o sonho mantendo uma relação contumaz entre realidade e repetição – uma repetição ordenada enquanto encontro com “o ponto mais cruel” (p. 61), na qualidade de *tiquê*. Entra, aí, no sonho, a dimensão do desejo, ainda não pensada por Freud, e avançada por Lacan, um mais-além que marca, radicalmente, o lugar da falta primordial – um encontro do Real. É importante, aqui, destacar a diferença, substancial entre realidade e Real, pois, talvez a diferença e o encontro entre esses dois pontos seja onde se localize o fio onde se possa costurar o sonho, enquanto conteúdo do afeto inconsciente, e a política, enquanto manifestação do afeto consciente de um povo, uma cultura. O Real, para Lacan (1985) apresenta-se como algo do inacessível, “aquilo de não cessa de não se escrever” (p.127), o impossível, já a realidade é o nosso material de trabalho cotidiano, os ditames da cultura e as regras sociais compartilhadas, a realidade é onde vivemos (enquanto compartilhada, coletiva) e o Real é o subjetivo, o individual, o UM.

Pensando no sonho como um despertar, como propõe Lacan (1998), ou como uma realização de um desejo, como propõe Freud (1900), e fala-se aqui em desejo sempre enquanto inconsciente, mola

propulsora, há, nos elementos do sonho, pontos onde se observa o Real, enquanto impossível, enquanto encontro com a dimensão da falta – sempre à procura de subsídios *tamponantes*, objetos que suturem o buraco originário – mas também a realidade. No sonho, Real e realidade se misturam, misturam-se desejo e necessidade, queixas e demandas. É no sonho, esse emaranhado entre o Eu e o social, que se pode pensar as relações possíveis entre o campo do inconsciente e sua permanente impulsão à realização do desejo e o âmbito do social, da inserção do Eu na cultura e no que se pensa enquanto política.

Para pensar sonho e política na contemporaneidade, é importante retornar um pouco no que se denomina como *politiké*, do grego, que se relaciona aos negócios do cidadão ou do Estado. Na pós-modernidade, essa dimensão individual da política tomou proporções jamais vistas, o que nos faz pensar na política como um sonho, uma utopia, uma impossibilidade.

A política é a ciência da administração das nacionalidades, a arte de governar os povos, o conjunto dos princípios políticos que regula as relações entre os diferentes Estados (FONTINHA, [s.d.]). É a soma de todas as articulações e acordos que envolvam pessoas, grupos ou organizações – a gerência da sociedade tanto no campo individual como no coletivo; nesse sentido, cabe, aqui, pensar essa constituição da política em sua esfera coletiva, como regulamentadora e fruto dos tentames de um povo.

Freud (1925/1976) coloca a política como uma profissão impossível, para ele, governar é de uma ordem outra, justamente pela questão do coletivo, sendo o sujeito que governa singular, individual. Política e governante, enquanto sujeito, enlaçam-se, então. É um sonho, enquanto utopia, impossibilidade, governar. O sonho enquanto representação do impossível aparece aqui em dupla vertente, como conteúdo do impossível (inconsciente) e como manifestação do impossível de executar da profissão de governar.

Diante do que vivemos no cenário político hodierno, há uma sensação de caos. No entanto, há um sentido para reger uma orquestra deste modo. Seja pelo acúmulo do capital, interesses políticos ou do controle do discurso hegemônico, tudo parece afinado para outros ouvidos. De tal modo, que as definições de política – enquanto regulamentadora

das relações – parecem anacrônicas e resvalam nesse encontro impossível de suportar, um encontro com o caos, que pode nos remeter ao encontro com Real, – e como em um *sonho*, em que ocasionalmente se captura um traço desse Real, disto que carece radicalmente de sentido, como limite do simbólico o impossível da figurabilidade.

É, a partir do ato (im)pulsional de eleger um governante que aponta para o instintivo, dessa rachadura que permite pensar para-além do princípio da realidade, mas adentrar no princípio do prazer, no que é inconsciente e como isso se manifesta que é possível fazer uma ponte com a política, essa política que nos permite pensar no sentido inverso, do coletivo para o individual, nos fende enquanto sujeito, nos permite um acesso ao efeito de Real a partir da realidade – que causa, que inquieta.

“É nisso que consiste especificamente a política: ela é um lugar de fratura da realidade” (LAURENT, 2006, [s.p.]). O discurso político atual possibilita escancarar essa fratura em público, não há pudor, é desinibido e aplaudido por sua horda e de mãos dadas com a política neoliberalista deixa claro a que veio: “você para mim é lucro”¹. Esse discurso não faz laço, a diferença não é suportada na coletividade e o outro pode ser rechaçado:

A diferença, no sentido psicanalítico, ou seja, a diferença apreendida fora de toda perspectiva comparativa, a diferença pura, não é pertinente nesta ótica. Bem mais que isso, ela é odiada, pois ela traz em si a lei do fracasso, ela se enraíza efetivamente no fracasso fundamental do sujeito falante, ou seja, no fracasso da relação. Não é possível falar de diferença – a pequena como as grandes – sem que se introduza, depois se exponha, esta especificidade do *fallasser* que é a não-relação, sexual e geral
(BROUSSE, 2014, [s.p.]).

Temos, então, um novo modelo de sujeitos, consumidores, em uma época onde tudo é mercadoria, tudo tem um preço, se produz um

¹ Em referência a uma canção do grupo Baiana System, de título Lucro descomprimido.

novo modo de gozo, como coloca Zack (2018). “O significante que Jacques-Alain Miller utiliza para representar nossa época, é uma época de arranjo” (BROUSSE, 2003, p.45). Arranjar o coletivo para que haja possibilidade de fazer laço e de suplantar, tamponar a falta-a-ser – delirante; e de acordo com a identificação ao mestre, Real.

Esse impossível que não temos acesso nos faz buscar, sobretudo quando há fissuras na realidade, como a política nos tem permitido ver, e é através do sonho e do trabalho analítico que se torna possível imaginarizar, simbolizar e relatar – trabalhar o que a realidade nos traz de Real.

Lacan (1957) propõe que em sonho, ao chegar perto desse encontro que é impossível, despertamos, mas não em totalidade. Há uma parte que fica submergida, mas há um trabalho, aí, com isso da ordem do (des)encontro. Desse modo, é possível pensar que vivemos a estrutura de um sonho, cifrado, seguimos respondendo a um princípio de realidade onde não se propõe adentrar no princípio do prazer, mas mantêm-se localizado à beira, no raso, sem trabalho, sem dar conta do Real exposto através do discurso. Seguimos anestesiados sonhando, fazendo a roda girar, cabe aqui a pergunta “pai, não vêes que estou queimando?” (LACAN, 1964, p. 61) e sem ver, vai se destruindo um país.

Referências

- BROUSSE, M. H. **O Inconsistente é a política**: Seminário Internacional Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo, 2003.
- BROUSSE, M. H. **O amor ao sintoma contra o ódio da diferença**. La cause freudienne, Paris, Navarin, n. 62, 2014. Disponível em: <<http://www.encontrocampofreudiano.org.br/2014/07/o-amor-ao-sintoma-contra-o-odio-da.html>> Acesso em 26 ago. 2019.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. (Edição Comemorativa 100 anos) Rio de Janeiro: Imago, 2001/1900.
- FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. In: _____. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977/1920-1922.
- FREUD, S. **Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn**. In: FREUD, S. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1925/1976.
- FONTINHA, R. **Novo Dicionário Etimológico da Língua portuguesa**. - Porto: Domingos Bareira, [s.d].
- LACAN, J. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1998/1964. LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1998/1966.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985/1972-1973.
- LAURENT, E. **“El inconsciente es la política”, hoy**. Lacan Cotidiano, 518 - Selección de artículos, 2006. Disponível em: <<http://www.eol.org.ar/biblioteca/lacancotidiano/LC-cero-518.pdf>> Acesso em 28 ago. 2019.
- ZACK, O. **A psicanálise e a política: Uma descontinuidade discursiva**. Conversação. Belo Horizonte, 2018

PERCURSOS ONÍRICOS: O REAL ENTRE SONHO E ANÁLISE

Glacyanny Pires Alves Lira

Rhuan Pablo Barbosa da Silva

“[...] O inconsciente é muito exatamente a hipótese de que a gente não sonha apenas quando dorme”.

(Jacques Lacan, 1977)

Lacan (1964) questiona, no Seminário 11, “Como o sonho, portador do desejo do sujeito, pode produzir o que faz ressurgir à repetição o trauma?” (p. 55) – quando propõe esse certame, o que Lacan faz é questionar o funcionamento do sonho, colocando-o como algo que possui certa lógica nas



Christian Schloe, “The Fellowship”

produções do sujeito, através da repetição e da possível elaboração sobre as formações traumáticas. Seria possível, então, pensar a estrutura do sonho análoga ao caminhar de uma análise, como aponta Freud (apud QUINET; ALBERTI, 2012), ou seja, seria admissível cogitar a sucessão de sonhos, em uma análise, como algo da ordem de um percurso?

Se pensarmos que sim, e que as formações oníricas acompanham o percurso de uma análise – não em uma linha sucessiva, ou linear, *para*

frente, mas enquanto *laufen*¹, ou *per*²; por meio de um curso, uma via por onde se pode andar e “recordar, repetir e elaborar”³ – como seria realizável; se é possível o deslizamento significativo, ou trocadilho; considerar esse percurso onírico?

“De fato, as fantasias e os devaneios da vigília expressam os mesmos desejos, conscientes ou não, que podem vir a surgir nos sonhos durante o sono”(COUTINHO, 2009, p. 56). Há, portanto, uma ideia de não distinção entre *acordado* e *dormindo*, podendo as produções oníricas acompanharem as elaborações analíticas do sujeito e o sonho seria, nesse sentido, mais um mediador entre o Eu e o inconsciente, como já propunha Freud (1900) ao colocá-lo como uma formação do inconsciente (como os chistes e os atos falhos) e, portanto, uma via de acesso a ele.

O sonho ocuparia uma posição régia nessa *encruzilhada* de conteúdos inconscientes e, segundo Lacan (1957) propiciaria um *despertar* do desejo, através desse acesso, sendo, em um fim último, um encontro com o Real – é a partir dessa conjectura do encontro, ou de um (des)encontro que propicie o retorno ao mesmo, esse mesmo que se repete, mas nunca é igual, que pensaremos o sonho como esse mediano entre sujeito e objeto. Ou, como aponta Costa (2006) “(...) a elaboração onírica resulta de uma mediação necessária para suportar o real (...) Sonhar é a possibilidade de inserir um diferencial entre um lugar de sujeito e a posição de objeto no mundo e nas relações” (p. 37).

Então poderíamos pensar no sonho como um atravessador? Através da dor, do traumático que retorna na elaboração do sonhador seria possível atravessar algo da ordem de uma construção – como uma ponte que *atravessa-a-dor* do sujeito. Como uma travessia. *Attraversiamo*, do italiano, é um convite, uma questão: vamos atravessar? Essa travessia que remete tanto a uma ponte quanto a um processo, faz menção à fantasia – em uma análise, a travessia da fantasia seria esse *meio*; ou poderíamos falar losango; onde se passa de sujeito (\$) a objeto (a). Seria o sonho uma possibilidade de per-

1 Do alemão, caminho, como propõe Freud sobre o decurso de uma análise.

2 Prefixo referente através de; por entre.

3 Menção ao título do texto de Freud, originalmente publicado em 1914.

curso, dentro de uma análise, dessa travessia? Ou consideráramos o sonho como um atravessamento no processo, parte dele?

Se ponderarmos o sonho como um rébus (algo da ordem de um equívoco – uma palavra tomada em um outro sentido, que não lhe é contumaz) como propõe Freud (1900), e, ainda, tomarmos o ensinamento de Lacan (2005) sobre o funcionamento do sonho enquanto linguagem e, portanto, que precisa de um leitor para que um texto se produza *des-cifradamente*, podemos pensar o sonho como endereçado.

Esse endereçamento é análogo ao processo analítico, sob transferência. Então seria o sonho uma estrada marcada à espera tanto de um caminhante-analisando, quanto de um guia turístico-analista? Guia turístico porém, pressupõe legalidade para atuação, já que em uma análise esse sujeito que carrega uma marca, caminha por vias clandestinas, e a interpretação dos sonhos é uma delas, poderíamos inferir, então, uma posição por parte do analista de *coyote*⁴? Um coyote-analista?

Em carta à Fliess, Freud (1899/1986) afirma que “Invariavelmente, o sonho visa a realizar um desejo que assume diversas formas. É o desejo de dormir! Sonhamos para não ter que acordar, porque queremos dormir” (p. 355). Lacan (1992) retoma essa interpretação de Freud sobre a tendência ao dormir para não acordar com o que chama de despertar – esse *abrir os olhos* ao Real e continuar sonhando, na realidade, a partir deste (des)encontro.

O analista-coyote seria peça fundamental, então, neste processo; no despertar, tanto do sonho quanto do Real da clínica, do corpo, do sujeito, do impossível. A figura do atravessador ancorada no coyote – um analista-coyote – remete a um pagamento pelo ato, é o que Lacan (1998) afirma sobre o analista pagar com o corpo, com sua pessoa (suporte para a transferência). O analista paga com o corpo e o sonhador paga com o desejo, o desejo de suportar uma interpretação, uma elaboração, um per-curso, um curso para desvelar e suportar esse encontro com o Real que acontece tanto no sonho quanto em uma análise. Há percurso no sonho, portanto, há uma vazante por onde, a despeito (ou com ajuda das porosidades) da *censura* o conteúdo inconsciente manifesta-se, de

4 É a denominação dada ao “agente” que cobra para atravessar emigrantes de forma ilegal.

diversas formas, e faz marca – como a jusante de um rio ou a *jouissance* analítica, o percurso de um gozo – onírico, analítico ou ambos.

Referências

- COSTA, A. **Sonhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- COUTINHO, A. **Sonhos, angústia e alienação**. Reverso, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 53-62, set. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 24 ago. 2019.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. (Edição Comemorativa 100 anos) Rio de Janeiro: Imago, 2001. (Originalmente publicado em 1900)
- FREUD, S.; FLIESS, W. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. MASSON, J. M. (org.), Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Originalmente publicado em 1899).
- LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Originalmente publicado em 1957).
- LACAN, J. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1998. (Originalmente publicado em 1964).
- LACAN, J. **Une pratique de bavardage**. In: Ornicar?, 19, Paris: Lyse, 1977.
- LACAN, J. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- QUINET, A.; ALBERTI, S. **Argumento do VII Encontro Interacional da IF-EPFCL**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.champlacanian.net/public/docu/4/rdv2012Argument.pdf>> Acesso em 24 jul. 2019.

SUICÍDIO E KAKON COMO ÓDIO DE SI

Thaís Moraes Correia¹

Só o monstro é original na morte. Heitor arrastado por Aquiles diante dos muros de Troia não é a morte. A morte de Ofélia não é a morte. O suicídio ritual de Mishima não é a morte. Torquato Neto. Francesca Woodman. O tiro de Hemingway na própria boca talvez seja a morte. Só o monstro é original na morte. Todo tumor é parecido. Todo coração enfarta igual. O atropelamento é do asfalto. A bala perdida é do metal.
(Victor Heringer, 2018)

Este artigo circunscreve o tema do suicídio, trama delicada e encoberta por véus que se tornou recorrente entre adolescentes na contemporaneidade. Hoje, com a queda do falocentrismo e seu feroz retorno totalitário presente nas mídias eletrônicas e nas empresas que compõem a GAFAM, entendemos



Frida Kahlo, "The medical art"

¹ Prof^ª. adjunta IV - UFMA.

que uma questão pode estar relacionada à outra.

Vivemos em um momento em que os tratamentos psíquicos desembocam numa clínica geral da depressão. Não podemos deixar de nos apoiar na definição que Lacan dá sobre a tristeza como rejeição do inconsciente, ou como “doença” do ideal. Fala-se até de uma euforia da depressão para aludir ao fato de a depressão estar em todos os lugares: nos consultórios, nos congressos internacionais, nas revistas semanais, nas publicações especializadas – enfim, todos falam dela. Cito Nicéas de anotações minhas “a depressão vem sendo anunciada como a expressão mais presente do mal-estar da civilização”.

É importante vermos a diferença clínica entre os estados psicóticos desencadeados sob forma de melancolia e os estados chamados de melancolização neurótica, posto que a passagem ao ato advém do que não foi simbolizado. Em qualquer uma das estruturas.

Consideramos que

Na psicose há a percepção de um objeto mal: kakon para os gregos e, conseqüentemente, um empuxe a golpear (a si mesmo ou ao outro). Quando o psicótico golpeia o outro, golpeia o kakon que está no mais íntimo dele. Para ilustrar esse “golpe”, tomemos da mitologia grega a relação de Medeia e Jasão. Esta, para ferir o marido que a traíra, trama a morte de seus próprios filhos. Medeia é severamente repudiada pelos gregos. Ela tenta negociar sua partida para Atenas e trama a morte dos filhos, e tudo acontece segundo seus caprichos. Jasão e Medeia se embatem na fatalidade e ela possui um único trunfo: pode fugir ou dizer que é neta do Sol - refúgio no delírio (CORREIA, 2010).

É esse kakon, ódio de si, que está presente no coração do suicida quando este golpeia a si mesmo, saindo fora da vida, desistindo de suportar a inconsistência do corpo falante.

Nada mais tabu do que se falar sobre a morte, ainda mais o suicídio em que o sujeito falante não reconhece mais nenhum apelo, e a dor de existir se esvai no silêncio, de quem não reconhece mais o apaziguador

Outro e desiste em ato no seu corpo. Localizamos o suicídio no registro da ação, como passagem ao ato. Isso dirá da posição do sujeito frente à falta. No caso do suicídio, há uma volta brutal àquela primeira falta que constitui o fato de termos nascidos mortais, isto é, há a vida, mas com a vida há a morte. O suicídio estaria ao lado da morte do desejo. Lacan (2005) nos lembra que “quando se contradiz o ideal, quando ele desmorrone, é o que se constata: o poder do desejo desaparece em Hamlet”.

No mundo contemporâneo repleto de fake news, não estaríamos na ordem de um gozo opaco, ao largo do desejo? Segundo M. Bassols, a bússola lacaniana do real coloca a singularidade no sujeito do gozo e na opacidade do ser.

Há pessoas às quais o mundo virtual torna possível viver sua existência, mantendo-se protegidas de um encontro real. Dentro do virtual, há o encontro com o real. Vive-se a sexualidade na internet como tempo de namorar, via pulsão escópica. É lá, também, que existem os grupos das “Margaridas”, onde jovens que pensam em se matar se encontram, ou onde o suicídio ocorre de forma brutal na *deep web* sob a visão dos *hackers* e em tempo real.

Seria a passagem ao ato uma ode ao silêncio? Quando Lacan comenta o quadro de Munch, “O grito”, para realçar o silêncio ligado ao objeto pulsional, pensa que o silêncio é aquilo que se sucede ao grito, este então brota exatamente em “escapar do grito”. Isso equivale a dizer que o silêncio vem sempre depois, segundo nos ensina Esperanza (2008, p. 320).

Existem suicídios que não são absolutamente decididos e outros são; nesse caso existe apenas uma coisa para o sujeito: é sair do corpo, ir-se embora, deixar o corpo. No caso do suicida, há uma superposição de duas faltas: a falta do sujeito e a falta do Outro. Além da falta originária, há a falta do Outro enquanto desejante, constituindo-se como nova falta que é a falta de desejo atual do sujeito.

Em Lacan (2005, p. 129), no Seminário 10, encontramos:

Esse *largar de mão* é o correlato essencial da passagem ao ato. Resta ainda precisar de que lado ele é visto. Ele é visto justamente do lado do sujeito (...) O momento da passagem ao ato é do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo

comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra - ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito - , ele se precipita e despenca fora da cena”

Concluiremos dizendo que o sintoma é da ordem de um dizer, a fantasia da ordem do fazer e a passagem ao ato, o suicídio, uma ação. Acerca da identificação, já falada por Freud, é também o objeto a, a qual o suicida tenta “pegar pelo rabo”, pois “não é do mundo externo que sentimos falta, como há quem o expresse impropriamente, mas de nós mesmos”, como nos recorda Lacan no Seminário X. A angústia é, segundo Lacan, algo que não engana. O suicídio é visto como um ato que retira essa certeza da angústia e passa a ser o ato que não engana. A análise poderia ser definida como o lugar onde “aqui não se age” - pois o agir está em suspenso, o que não impede, às vezes, de ver o paciente agir, até mesmo fazer uma passagem ao ato.

Referências

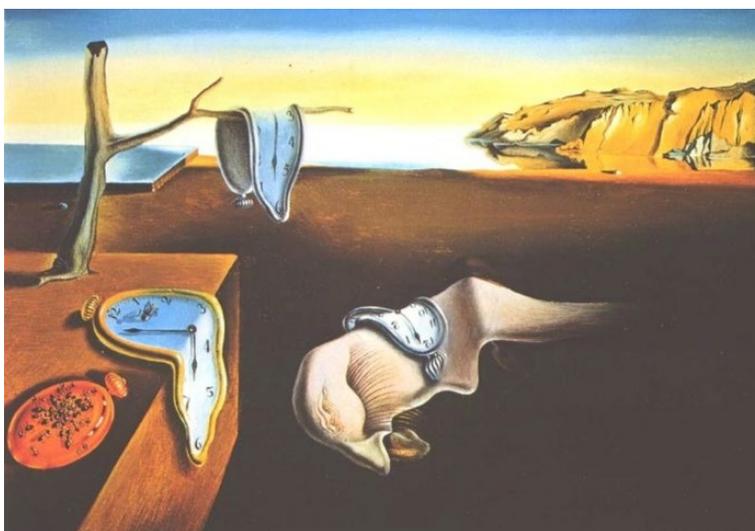
- CORREIA, Thaís M. **Casos raros: as psicoses ordinárias na clínica do delírio generalizado. Opção Lacaniana.** Ano I, nº 3, dezembro. 2010 em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero3/index.html>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- ESPERANZA, G. A força do silêncio. In: **Scilicet.** Os objetos “a” na experiência psicanalítica. AMP. RJ: Contra Capa, 2008.
- LACAN, J. **O Seminário, 10:** RJ: J. Zahar, 2005.

INTERCÂMBIO

OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO E O INSTANTE DE DESPERTAR

Nayahra Reis¹

Em 1900, Freud (2013) inaugura a psicanálise com seu livro célebre, “A interpretação dos sonhos [Die Traumdeutung], onde ele articula a teoria do inconsciente e aquela da neurose a partir do sonho – considerado como a « via régia do inconsciente ».



Salvador Dalí, “La persistencia de la memoria”

Neste texto, a questão da interpretação também ocupa um lugar privilegiado. No entanto, se Freud, ao longo de suas elaborações sobre as funções da atividade onírica, mantém sua posição no que concerne os sonhos como uma realização do desejo, como uma formação do inconsciente, o qual assim como os lapsos, atos falhos e os sintomas, esconde um sentido a ser desvelado, a ser lido como os hieróglifos e, por consequência, submetido à interpretação, esta última, por sua vez, terá sua noção questionada.

O sonho é uma interpretação

Como nos indica S. Baudini e F.Naparstek (2019) no texto prepara-

¹ Mestre e Doutora em Psicanálise pela Universidade Paris VIII, França; Membro de L'Envers de Paris/ECF.

tório para o próximo Congresso da AMP, podemos isolar três tempos da obra de Freud sobre a interpretação. Um primeiro tempo onde o sonho é uma realização do desejo e por consequência ele é interpretável ; um segundo tempo com o texto “Para além do princípio do prazer”, onde Freud reconhece a existência de sonhos - tais os sonhos traumáticos -, que não são realizações do desejo, logo, não são interpretáveis ; e um último tempo onde Freud é confrontado ao que ele chama de umbigo do sonho, indicando um limite na interpretação dos sonhos. Este limite da interpretação, considerado por Freud como estrutural, é justamente o ponto que vai interessar Lacan, que articulará a problemática da interpretação ao Real, fazendo dela uma questão central na direção das curas analíticas.

Para Freud, a teoria do sonho é intrinsecamente relacionada ao inconsciente e a ética da interpretação faz parte do trabalho analítico, não podendo ser praticada de forma isolada, o que implica dizer que ela é submetida à relação transferencial. É o que M-H Brousse (2019) qualifica como o inconsciente transferencial ou o sonho transferencial, já que aquele que conta um sonho busca de certa forma um interlocutor. Ainda de acordo com M-H Brousse, em Freud encontramos a ideia de que é o analista quem interpreta o sonho do analisando através do método da decifração, o qual está submetido à metáfora, à metonímia, ou seja, às leis da linguagem e do funcionamento da cadeia significante. Trata-se aqui do aspecto « via régia » do inconsciente freudiano, onde o sonho teria uma intenção de significação, suscetível de ser decifrado. Mas, acrescenta Brousse, o sonho interpreta também. O sonho é uma interpretação, mas a interpretação não se resume ao sonho, afirma Brousse, destacando para o fato de que, dizer que o sonho interpreta, é uma tese lacaniana.

Dando seguimento a esta hipótese levantada por M-H Brousse, J-A Miller (1996) no texto “A interpretação ao avesso”, alerta para esta ideia errônea de que é o analista que interpreta. Para Miller, a interpretação primeira é esta do inconsciente do analisante, enquanto que a interpretação analítica vem depois. O inconsciente interpreta e quer ser interpretado, diz Miller, acrescentando que “interpretar é decifrar, mas que decifrar é cifrar novamente, o que indica que o movimento só encontra seu limite na satisfação”.

A questão do gozo, ou seja, do que se satisfaz, se tornará para Lacan, a partir de um determinado momento do seu ensino uma questão essencial. Assim, como indica E. Solano-Suarez (2011), “onde se fala, se goza, onde se sonha, se goza e onde se delira, se goza mais ainda”. O ponto crucial para a psicanálise seria então, segundo esta última, de se questionar sobre o que fazer para que a experiência analítica não se resume apenas a um processo de decifração das formações do inconsciente, mas que ela consiga, se servindo da linguagem, tocar o gozo do sintoma, gozo este do qual nós queremos nos livrar, pois nos faz sofrer, mas que, ao mesmo tempo, nos proporciona uma satisfação. Lacan também acredita que há algo do gozo do sintoma que se presta a ser lido, decifrado, mas *não-todo*, o que significa dizer, que existe nele uma parte irreduzível, que seria da ordem do real. Aqui, podemos fazer uma analogia com o que Freud chama de umbigo do sonho, onde justamente o sonho, assim como o sintoma, não pode ser interpretado na sua totalidade.

Os limites da interpretação

Freud (1900), observando o processo de decifração do sonho, será confrontado ao que ele chamará de *Unerkannt*, umbigo do sonho, ponto insondável, de não reconhecimento do conteúdo do sonho, o qual implica num limite à interpretação do sonho. A questão do limite da interpretação ocupará Freud por muitos anos e em 1925, num suplemento à 8ª edição da *Traumdeutung*, ele vai abordá-la a partir da sua hipótese quanto ao ganho imediato de prazer, *Lustgewinn*, da atividade onírica, afirmando que além da função utilitária do sonho, como guardião do sono, este também busca um ganho de prazer. Como observou Fabian Fajnwaks (2001), a surpresa deste texto é de ver que Freud considera o ganho de prazer produzido pelo sonho, como um limite do que nele pode ser interpretado. E é neste sentido que podemos entender o comentário de Lacan (1973-74) sobre este mesmo texto de Freud, onde ele afirma que tal como no funcionamento da linguagem, o limite do gozo, como sentido sexual que não pode se escrever, está na cifração e não na decifração do sonho.

Num outro texto, Lacan (1975/2019), em resposta à uma questão de Marcel Ritter sobre a existência de uma relação entre o umbigo do

sonho com o Real e deste último com o desejo, já que Freud articula a questão do umbigo do sonho com o desejo, nos demonstra em que o umbigo do sonho, enquanto furo, faz limite à interpretação. Para Lacan, quando Freud se confronta com o umbigo do sonho, ele é na verdade confrontado com o recalque originário, que se caracteriza por não poder ser nomeado. “É um furo, é algo que é o limite da análise. Isto tem evidentemente alguma relação com o Real, o qual é perfeitamente denominável de tal modo que é puro fato. Não é sem razão que ele introduz a noção de umbigo”. Além disto, Lacan associa a palavra umbigo ao cordão umbilical e ao fato de que o *fallasser* pelo simples motivo de já se encontrar imerso na linguagem, se encontra excluído de sua própria origem. A audácia de Freud, nos diz Lacan, foi de afirmar que nós trazemos esta marca dos efeitos da língua, nos sonhos. Lacan nos convida então a pensar a relação do *fallasser* com o inconsciente, a partir deste ponto de real no campo da linguagem, onde há algo impossível de ser reconhecido, de ser simbolizado. É neste sentido que Lacan é levado a afirmar que “o umbigo do sonho é um furo”.

O sonho como instrumento do despertar

Éric Laurent (2019), numa leitura rigorosa da análise lacaniana dos sonhos, avança que Lacan propõe uma prática anti-freudiana do sonho. Enquanto Freud considerava que o sonho servia para continuar a dormir, Lacan diz que o sonho serve para despertar. De acordo com E. Laurent, a partir do seminário Mais Ainda, Lacan generaliza a ideia de que o sonho deve ser entendido como instrumento do despertar, o que supõe tocar no que Freud já havia elaborado sobre o princípio do prazer como borda, limite do gozo. Dizer que o sonho é um instrumento do despertar, implica, segundo E. Laurent, em revisitar a definição de despertar. Assim, acrescenta Laurent, enquanto Freud tratava da oposição sono *versus* despertar como algo de ordem biológica, Lacan subverte esta ideia avançando que: o despertar é um desejo particular ; que nós despertamos para continuar a sonhar ; que nós não despertamos nunca ; ou ainda que o despertar absoluto é a morte.

O despertar ao qual Lacan nos confronta, de fazer do sonho um instrumento do despertar, é, ainda de acordo com Laurent, uma nova maneira de articular o desejo e o gozo. Dito isto, ele afirma que o gozo

não é uma realização do desejo, ao contrário, ele é o que não se pode articular, inclusive no desejo e por consequência, desperta tudo o que rompe com a homeostase do princípio do prazer.

Para concluir, Laurent insiste no fato que hoje em dia ainda somos confrontados aos sonhos e que é preciso num primeiro tempo da análise, decifrar os sonhos, acompanhar os analisando nas suas inesgotáveis associações sobre seus sonhos relatados sob transferência, se servir do manejo do uso do sentido, para poder enfim, num segundo momento, se passar dele e alcançar o instrumento que o sonho se torna no final de uma análise, um instrumento do despertar. É então, a partir do seu uso e não apenas da sua interpretação, afirma Laurent, que o sonho continua em vigor na época atual.

Referências

- BAUDINI S. e NAPARSTEK F., **O sonho** : sua interpretação e seu uso na cura lacaniana, texto de apresentação do XII Congresso da AMP 2020, disponível em : <https://congressoamp2020.com>
- BROUSSE M-H., e LAURENT É., **Une nuit de rêve**, atividade preparatória ao XII congresso da AMP, realizada na ECF, Paris, 28 janeiro 2019. (*inédit*).
- FAJNWAKS F., Les limites de l'interprétation , *in Cliniques Méditerranées*, Ed. Ères, n° 64, pp. 243-251, 02/2001.
- FREUD S., **L'interprétation du rêve** (1900), Ed. Points, Paris, 2013.
- FREUD S., Quelques additifs à l'ensemble de l'interprétation des rêves (1925), *in Résultats, idées problèmes II* Paris, PUF, 1985.
- LACAN J., **Les non-dupes-errent** (1973-74), (*inédit*).
- LACAN J., **L'ombilic du rêve est un trou** , Jacques Lacan répond à une question de Marcel Ritter (1975), *in La Cause du Désir*, n° 102, 06/2019.
- MILLER J-A., L'envers de l'interprétation , *in La Cause Freudienne*, n° 32, 02/1996.
- SOLANO-SUAREZ E., **Rêves, délires et réveils**, 01/2011, disponível em : <https://www.lacan-universite.fr/>

DISCIPLINA DO COMENTÁRIO

FREUD, Sigmund. Sobre la psicología de los procesos oníricos. En: **La interpretación de los sueños**. Volumen V. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 504-505.

Las condiciones previas de este sueño paradigmático son las siguientes: Un padre asistió noche y día a su hijo mortalmente enfermo. Fallecido el niño, se retiró a una habitación vecina con el propósito de descansar, pero dejó la puerta abierta a fin de poder ver desde su dormitorio la habitación donde yacía el cuerpo de su hijo, rodeado de velones. Un anciano a quien se le encargó montar vigilancia se sentó próximo al cadáver, murmurando oraciones. Luego de dormir algunas horas, el padre sueña que su hijo está de pie junto a su cama, le toma el brazo y le susurra este reproche: «Padre, ¿entonces no ves que me abrazo?». Despierta, observa un fuerte resplandor que viene de la habitación vecina, se precipita hasta allí y encuentra al anciano guardián adormecido, y la mortaja y un brazo del cadáver querido quemados por una vela que le había caído encima encendida. [...] Ahora bien, después que hemos reconocido al sueño como un producto provisto de sentido que puede insertarse en la trama del acontecer psíquico, nos maravillará naturalmente que en tales circunstancias sobreviniese un sueño, cuando lo indicado era el más brusco despertar. Pero debemos reparar en que este sueño tampoco escapa a un cumplimiento de deseo. En él, el niño se comporta como si estuviera vivo, él mismo da aviso al padre, se llega hasta su cama y le toma de un brazo, como probablemente lo hizo en aquel recuerdo del cual el sueño recogió el primer fragmento del dicho del niño. Y en virtud de ese cumplimiento de deseo, precisamente, prolongó el padre por un momento su dormir. El sueño prevaleció sobre la reflexión de vigilia porque pudo mostrar al niño otra vez con vida. Si el padre se hubiera despertado enseguida, extrayendo la conclusión que lo llevó a la cámara mortuoria, habría abreviado la vida del niño, digámoslo así, por ese breve lapso [...].

UM SONHO PROLONGADO, REALIZAÇÃO DO DESPERTAR

Rogério Barros

No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, intitulado *Psicologia dos processos oníricos*, Freud (1900-1901/1996a) traz um importante sonho. Nele, um pai desperta da sua produção onírica ao ouvir o filho, recém falecido, cujo corpo era velado no quarto ao lado, em tom de censura, proferir a seguinte frase: “Pai, não vês que estou queimando?”. Esse sonho traz para Freud uma questão:



Christian Schloe , “Portrait Of A Heart”, Digital

porque o sonho se produz em tal circunstância, quando o que deveria ocorrer seria o mais rápido despertar? De pronto, advoga que o pai deveria ter adormecido com a preocupação de que esse fato pudesse ocorrer, mas o que lhe inquieta é produção onírica que se mantém, ao invés de causar o despertar.

Freud (Ibid.) repete a hipótese central da obra: o sonho realiza um desejo. Nesse caso, prevalece no sonho o desejo do pai ver o filho vivo.

Indica que, caso o sonhador tivesse acordado quando da percepção do clarão que se apresentava a porta do seu quarto, não reencontraria o filho em seu sonho, “abreviando a vida [...] por esse breve lapso de tempo” (Ibid., p. 542).

Sonho, impossível ultrapassem, despertar

Proponho pensar que o prolongamento do sonho toma da indestrutibilidade do desejo, qualificado assim por Lacan (1959-60/1991) no seminário sobre a ética, a força para dar continuidade a produção onírica. Isso nos permite interrogar sobre a introdução do aspecto pulsional no sonho, aí mesmo onde a continuidade cumpre um propósito de satisfação cujo objeto não se vê, mantendo o sonhador adormecido apesar do clarão, sendo reintroduzido na frase que desperta: “Pai, não vê?”.

Freud (Ibid.) dá revelo a frase proferida no despertar, a despeito do clarão. Propõe que se trata, aí, de uma condensação de elementos que tocam “o espírito do pai” (p. 542). Freud (Ibid.) a reparte a frase. “Estou queimando” pode ter sido proferida pelo filho em virtude de febres da doença. Sobre o “Não vê?”, apenas aponta estar carregada de afeto, cuja articulação primordial nos é desconhecida.

Em *Os afetos nos sonhos*, Freud (1900-1901/1996b) elucida que estes permitem que os sonhos sejam incluídos com maior energia entre nossas experiências anímicas. Isso se deve ao fato de que os afetos não sofrem deformações, diferente das representações, que são deslocadas e substituídas. Os afetos nos dão pista do que burla o recalque, não sendo por ele influenciado. Uma mira ao real do sonho, umbigo cuja potência simbólica não faz mais que bordejar.

“Não vê?” indica uma satisfação com um objeto sem imagem, alçado pelo simbólico por uma frase na negativa. Objeto α que se apresenta próximo, tão próximo que dispara a angústia (LACAN, 1962-3/2005). Objeto α que, fora do circuito escópico, aponta para a opacidade de uma satisfação irrepresentável, cujo “amago do mesmo problema” deve ser explicado sobre “outro ângulo de abordagem” (FREUD, 1900-1901/1996a, p. 543).

Como aponta Lacan (1969-70/1992), aprendemos com a *Traumdeutung* freudiana que acordamos para nos manter em uma realidade em que seguimos sonhando. Entretanto, despertar para o irrepresentável

da morte nos permite antever esforço de ultrapassagem, prolongando um mais além que aponta pra realização do despertar. Em oposição à tese do sonho ser a realização de um desejo, podemos supor, com Lacan, que o sonho é, em verdade, a realização do despertar (NAPARSTEK, 2019).

“Um sonho dentro de um sonho”¹, sob transferência

Se de um lado, pensamos o despertar como a (real)ização do sonho, um ultrapasse impossível que a maquinaria inconsciente se esforça em alcançar, outra vertente interpretativa se faz também possível. Nesse sentido, um detalhe do escrito de Freud (1900-1901/1996a) nos chama atenção: este sonho se trata, em verdade, de um “ressonho”. A paciente de Freud, dona do sonho, replica-o, sob transferência. Trata-se de um sonho outrora proferido em uma conferência sobre os sonhos que a paciente assistiu e cuja origem real é desconhecida. Produzido sob transferência, o sonho se endereça ao analista, a fim de confirmar a tese da realização do desejo com um “sentido óbvio” (FREUD, 1900-1901/1996a, p. 542).

Se, da frase do filho, antevimos o real do gozo que não se enreda ao significante ou se permite velar, satisfação que, destrilhada circuito pulsional do olhar, causa angústia que desperta, o “ressonho” nos permite ver como o desejo da histérica enreda-se ao desejo outro para se satisfazer, tal qual Lacan (1958/1998) propõe na *Direção do tratamento e os princípios do seu poder*. O sonho se trama no seio do Outro, tece-se dele, articulando-se em estrutura de linguagem. Inconsciente transferencial que, pela via onírica, enlaça-se ao Outro em busca de um sentido.

O prolongamento do sonho dá pistas de outra satisfação que culmina em um ponto impossível. Se essa fenda não se transpõe, cabe interrogar: é a vida um sonho (ZLOTNIK, 2019) excepcionalmente prolongado em que nos esforçamos em alcançar um gozo impossível?

Referências

- FREUD, S. (1900-1901a). A psicologia dos processos oníricos. Em: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
FREUD, S. (1900-1901b). Os afetos nos sonhos. Em: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Rio

¹ Esse título faz referência a música da banda Nação Zumbi, intitulada “Um sonho”. Destacamos um trecho, que tangencia a abordagem aqui proposta: “Um sonho dentro de um sonho/ Eu ainda nem sei se acordei/ Desse sonho, quero imagem e som/ Pra saber o que foi que aconteceu”.

de Janeiro: Imago Editora, 1996.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

LACAN, J. (1959-1960). **O Seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

LACAN, J. (1962-1963). **O Seminário livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. (1969-1970). **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

NAPARSTEK, F. **El despertar de lo real, bajo su aspecto de imposible** – entrevista con Silvia Baudini, Fabián Naparstek. [Entrevista concedida a] Karina Piluso. *Freudiana*, Buenos Aires, 85/2019, p. 109-124, 2019. Disponível em: <http://uqbarwapol.com/el-despertar-de-lo-real-bajo-su-aspecto-de-imposible-entrevista-con-silvia-baudini-fabian-naparstek/>.

ZLOTNIK, M. **A vida é sonho?** Textos de orientação do XII Congresso da AMP, 2019. Disponível em: <https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/la-vida-es-sueno.html>

LACAN, Jacques. **El Seminario, libro II**: los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 62-65

Vemos surgir aquí, casi por primera vez en la Traumdeutung, una función del sueño que parece ser secundaria: -en este caso, el sueño sólo satisface la necesidad de seguir durmiendo: ¿Qué quiere entonces decir Freud, al colocar en ese lugar, precisamente, ese sueño, y al acentuar que es en sí mismo la plena confirmación de su tesis en cuanto al sueño? [...] La pregunta que cabe hacer, y que por lo demás toda las indicaciones anteriores de Freud nos permiten formular aquí, es: -¿Qué despierta? -¿No es, acaso, en el sueño otra realidad? Esa realidad que Freud nos describe así: Das Kind das an seinem Bette steht, que el niño está al lado de su cama, ihm am Arme fasst, lo toma por un brazo, y le murmura con tono de reproche, und ihmvorwurfsvoll zuraunt.- Vater, siehst du denn nicht, Padre, ¿acaso no ves, das Ich verbrenne, que ardo? [...] Espero haber logrado hacerles percibir aquello que, en el encuentro como encuentro siempre falido, es aquí nodal, y sustenta realmente, en el texto de Freud, lo que a él le parece en ese sueño absolutamente ejemplar.

Ahora tenemos que detectar el lugar de lo real, que va del trauma al fantasma -en tanto que el fantasma - [la fantasía] nunca es sino la pantalla que disimula algo absolutamente primero, determinante en la función de la repetición-; esto es lo que ahora nos toca precisar. Por lo demás, esto es algo que explica para nosotros la ambigüedad de la función del despertar y, a la vez, de la función de lo real en ese despertar. Lo real puede representarse por el accidente, el ruidito, ese poco-de-realidad que da fe de que no soñamos. Pero, por otro lado, esa realidad no es poca cosa, pues nos despierta la otra realidad escondida tras la falta de lo que hace las veces de representación -el Trieb, nos dice Freud. ¡Cuidado!, aún no hemos dicho qué cosa es el Trieb y si, por falta de representación, no esto ahí, de qué Trieb se trata -tal vez

tengamos que considerar que sólo es Trieb por venir. El despertar, ¿cómo no ver que tiene un doble sentido?, -que el despertar que nos vuelve a situar en una realidad constituida y representada cumple un servicio doble. Lo real hay que buscarlo más allá del sueño -en lo que el sueño ha recubierto, envuelto, escondido, tras la falta de representación, de la cual sólo hay en él lo que hace sus veces, un lugarteniente. Ese real, más que cualquier otro, gobierna nuestras actividades, y nos lo designa el psicoanálisis.

SONHO, DESPERTAR E TRAUMATISMO

Wilker França

Lacan retoma o sonho do “Pai, não vêes que estou queimando?”, desenvolvido por Freud, para discutir sobre a função secundária dos sonhos de prolongar o sono. De que forma há nesses sonhos de angústia a função de prolongamento do sono?

Lacan se pergunta: “se o sonho [...] pode se aproximar

tanto da realidade que o provoca, não podemos dizer que, a essa realidade,



Christian Schloe , “Il mondo di Mary Antony”

ele poderia ter respondido sem sair do sono? [...] O que é que desperta?” (p.62).

A partir dessa questão, ele destaca o encontro com o real que se dá como um instante entre o sonho e o despertar. Há no sonho um *autômaton* caracterizado pelo automatismo inconsciente da cadeia significante e uma *tiquê* que vige por trás do *autômaton* e que, num instante, irrompe toda cadeia.

Há algo da frase “Pai, não vês que estou queimando?” que designa uma opacidade própria do real e que se faz ouvir no sonho. “Essa frase, ela própria é uma tocha – ela sozinha põe fogo onde cai – e não vemos o que queima” (p. 64). Lacan utilizou a metáfora de uma tocha para destacar o impossível de qualquer representação que essa frase designa.

Não é que no sonho sustente que o filho ainda vive e é esse o desejo inconsciente do pai. Se trata na verdade do encontro verdadeiramente único, somente possível em sonho, do filho morto pegando seu pai pelo braço.

“O desejo aí se presentifica pela perda imajada ao ponto mais cruel, do objeto” (p. 63). Esse momento em que sujeito e objeto se coincidem revela que esse ponto ininterpretável repercute o traumatismo inaugural. Os efeitos do *troumatisme* revela um gozo fora de qualquer sentido. Jésus Santiago, em seu texto “Clínica do despertar: eternidade, duração e tempo”, publicado no boletim Rebus do próximo encontro da Associação Mundial de Psicanálise destaca que essa repercussão do trauma no sonho aponta para o desencantamento de qualquer possibilidade de despertar pela via do inconsciente decifrável ou transferencial.

Por trás de todo sonho, há o real que está no comando, assim podemos perceber, como destacou Lacan, que o sonho “revestiu, envelopou, nos escondeu” (p. 65) desse real. O sonho seria, assim, uma formação que culmina na criação incessante de sentido a esse ponto ininterpretável. Ou seja, o sonho seria em si uma interpretação desse “umbigo”.

Lacan coloca a ênfase no instante do encontro impossível com o real que irrompe a angústia despertando do sono. O sujeito desperta do sono para continuar dormindo. Dessa forma, poderíamos pensar que a prática analítica se dá na contramão dessa tendência interpretativa e sonolenta do inconsciente encharcada de sentido.

MILLER, Jacques-Alain. **La fuga del sentido**. Buenos Aires: Paidós, 2012. p. 262.

Pero cuando digo despertar, pienso en otra cosa diferente a ese despertar del interés. Pienso precisamente en el despertar que interviene en la pesadilla, y tal como Lacan lo dice en el Seminario 11 precisamente. Ocurre cuando encontramos algo que no es del todo atractivo sino, por el contrario, algo que produce horror, y de lo que no se querría saber nada más, hasta el punto de que despertamos para, como lo dice Lacan, continuar soñando con los ojos abiertos, para no continuar el sueño de horror. Allí, en la pesadilla, hay un verdadero encuentro con el Otro, el verdadero Otro, es decir, lo real. Cuando el dormir ya no está protegido por el sueño, cuando no podemos continuar gozando al soñar, y la pulsión precipita al sujeto en la realidad para que continúe soñando con los ojos abiertos.

A FUGA DO SENTIDO

Julia Solano

No texto em questão, Miller traça a trajetória do conceito de interpretação no ensino de Lacan, circunscrevendo-o em três momentos.

O primeiro momento está relacio-



Christian Schloe, "The Beginning Art Print"

nado as primeiras produções de Lacan que define a interpretação como a decifração daquilo que não pode ser dito pelo sujeito. A interpretação lacaniana, nesse período, está diretamente relacionada a articulação significante e visa sobretudo desvelar o significado reprimido de determinado conteúdo, semelhante ao que Freud propunha.

O segundo momento da interpretação em Lacan encontra-se no seminário 11, quando ele aponta para a relação da sexualidade com o inconsciente, situando-a para além da linguagem. O inconsciente passa a ser concebido como uma descontinuidade, uma fissura, que toma a forma de uma borda que se abre e se fecha. No momento da abertura, surgem as formações do inconsciente dispostas a decifração. A repetição também está situada aí, marcando assim o movimento repetitivo do significante que obriga o sujeito a circular infinitamente em torno do mesmo ponto, evitando, dessa forma, o “encontro sempre falho com o real”. O objeto a barra essa repetição na medida em que se localiza obturando a borda, produzindo, assim, o seu fechamento. Tudo que é da ordem desse fechamento aponta para a sexualidade, inapreensível pela vertente simbólica. Diante do fechamento, cabe ao analista recorrer a interpretação, relançando o sujeito nos sentidos infinitos da cadeia significante que promove uma abertura do inconsciente. É interessante perceber que Lacan, apesar de admitir a existência da relação entre pulsão e significante, opta por mantê-los disjuntos. O surgimento do objeto a na cena analítica é, nesse momento, visto como um entrave, e o simbólico se configura como a principal vertente na direção da cura.

Mais adiante, esse impasse vai ser resolvido, levando-nos ao terceiro momento destacado por Miller no ensino de Lacan. É a época do seminário *Mais, ainda*, na qual o inconsciente passa a se definir como um querer gozar ao invés de um querer dizer e o conceito de interpretação é virado do avesso. Nesse período em que o registro real assume primazia no desenvolvimento lacaniano, a interpretação passa a visar além do sentido, apontando para o objeto a . A interpretação, nessa perspectiva, deve ser tomada como um despertar, diz Miller. Não se trataria do que poderia ser tomado como um despertar do interesse, mas de algo que se assemelharia a um despertar do pesadelo. Durante o pesadelo há um encontro com um Outro real que causa horror ao sujeito, fazendo-o acordar para continuar sonhando com a realidade que nada mais é

do que uma versão do mundo que se enquadra perfeitamente ao seu modo de gozo. Ou seja, o sujeito acorda do pesadelo para continuar a dormir. Lacan nos lembra que o inconsciente tem a tendência natural de fazer o sujeito adormecer; a fantasia fundamental é um exemplo disso, na medida em que o engessa em uma realidade fixa, condicionando-o a interpretar os acontecimentos sempre a partir de um determinado enquadramento. É como pilotar o carro em piloto automático em uma pista reta. Só é preciso olhar pra frente e se deixar ser guiado sempre na mesma velocidade; permanecer nisso por algum tempo inevitavelmente dá sono. Pode ser que de repente surja um grande buraco no meio do caminho e isso provavelmente promoverá um despertar. A partir daí, será preciso encarar a estrada de outra forma, rever a velocidade, possíveis danos sofridos pelo carro, checar se é necessário encontrar outra rota; o fato é que a viagem já não será como antes. Haverá um antes e depois do buraco. A interpretação como despertar é justamente o buraco na estrada. Uma intervenção que aponta para o furo, retirando o sujeito dos circuitos infinitos da trama simbólica que o contornam até o adormecimento. Há um antes e depois desse encontro com o real. O sujeito não é mais o mesmo após vivenciá-lo.

Seria algo análogo ao que ocorre com Freud, quando, durante seu sonho, encara horrorizado a boca aberta de Irma. Ele realiza uma análise minuciosa do sonho que o conduz em uma narrativa em torno do sentimento de culpabilidade, mas o que o desperta não diz respeito a isso, mas ao encontro traumático com essa boca que se abre remetendo-o ao real da morte e da sexualidade sobre o qual nada consegue dizer a respeito. Ele é durão, nos lembra Lacan, e por isso segue dormindo para continuar desperto, encarando o real de frente. Essa é a lição que Freud nos deixa.

RESENHA

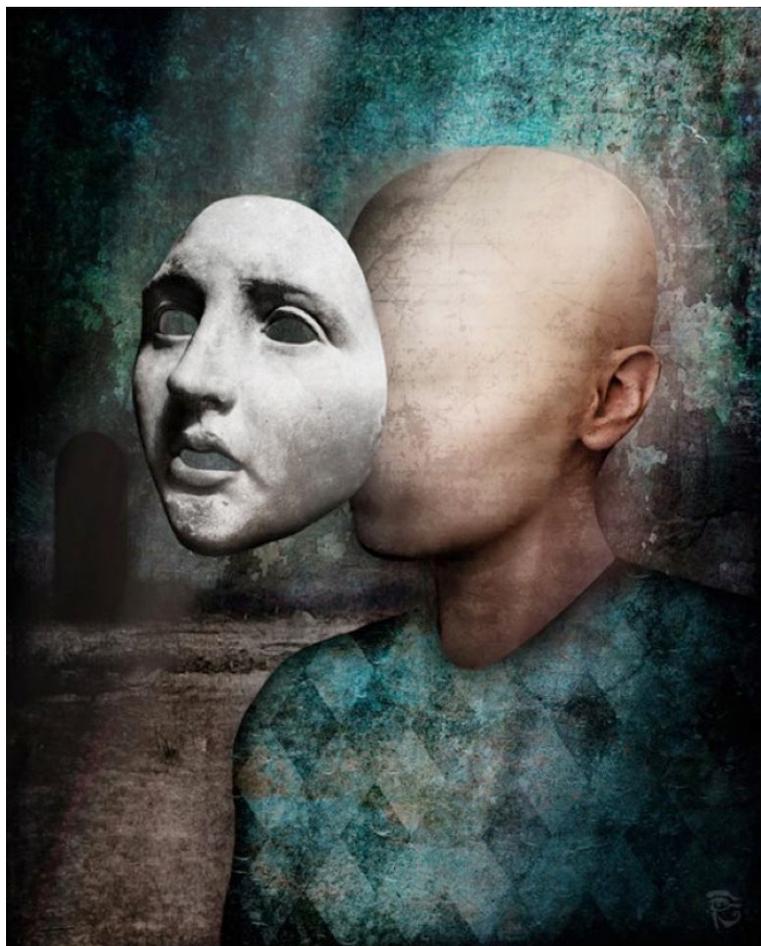
SONHOS E DESPERTARES

Luiza Sarno

Em um movimento de torções, semelhante a lógica da topologia, Carolina Koretzky (2019) percorre os ensinamentos de Freud e Lacan visando apreender diversos deslocamentos na concepção dos sonhos e dos despertares. De início, é importante atentar que abordar a questão no plural não é ao acaso.

O sonho, como via regia do inconsciente, pode ser tomado como uma montagem significativa que garante o desejo de dormir. Entretanto, paradoxalmente,

o real que o sonho aponta pode ser apreendido com o Um que se desperta. O despertar refere ao encontro faltoso entre o significante e o real, lançando o sonho – aqui, tomado como pesadelo – na mesma



Christian Schloe, "Christian Schloe"

lógica dos fenômenos do inconsciente que se apresentam a partir da descontinuidade, tais como, o lapso, o ato falho, o sintoma e a passagens ao ato.

Sair da outra cena do sonho para a cena da fantasia neurótica não refere necessariamente ao despertar. O termo despertar é tomado em diferentes vertentes, passando pelos fenômenos de irrupção de angústia diante do encontro traumático, pelas surpresas da interpretação, pela queda de uma identificação, pelo assombro de um significante novo e, finalmente no último Lacan, o despertar é tomado como impossível, ou seja, algo que não cessa de não se inscrever. Essas diferentes concepções do despertar estão intrinsecamente articuladas a diferentes concepções do final da análise.

Os sonhos traumáticos foram tratados através de relatos dos sonhos de judeus que passaram por campos de concentração. Nos campos de concentração os sonhos visavam a realização do desejo possibilitando preservar o adormecer como forma de defesa frente a um mundo onde o real sem lei impera. Entretanto, ao retomar a vida em liberdade, os sonhos reviviam as crueldades do período de prisão, se constituindo como sonhos traumáticos. Essa experiência limite, aponta que “tudo é ilusão, que não importa qual foi a comodidade encontrada, a vida é só um sonho onde tudo, de pronto, pode desmoronar-se” (KORZKY, 2019, p. 163-164). A experiência inassimilável retorna, frente à impossibilidade de ser elaborada e absorvida, nos sonhos traumáticos.

O desmoronar de uma ficção se presentifica numa análise que dura, pois o analisante torna-se advertido da irremediável inadequação da ficção frente ao real. Um processo analítico ao começar permite que o analisante construa uma ficção sobre o real de seu gozo. Entretanto, a análise que avança pós travessia da fantasia visa desmontar essa ficção.

A autora trilha de forma cuidadosa e criteriosa a clínica psicanalítica permitindo resgatar a inquietude imprescindível da análise frente aos sonhos e aos despertares. Deste modo, “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900), trabalho inaugural da psicanálise, ao ser retomado a partir do último ensino de Lacan delinea o deslocamento realizado na própria concepção de interpretação. Em última instância, a interpretação e o pesadelo têm como cerne o real que o umbigo do sonho aponta, possibilitando que um ato de ruptura aconteça. Mesmo que o

despertar seja da ordem do impossível, no último Lacan, a ruptura impede que se adormeça do mesmo modo.

Referências

FREUD, S. (1900). *Interpretação dos sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.IV . Rio de Janeiro: Imago, 1987.

KORETZKY, C. *Suenos y despertares: una elucidación psicoanalítica*. Olivos: Grama Edições, 2019.

lapses
Publicação dos
Associados do IPB



Instituto
de Psicanálise
da Bahia



ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)

R. Comendador José Alves Ferreira, 60 - Garcia, Salvador - BA, 40100-160

Tel.: (71) 3235-9020

www.institutopiscanalisebahia.com.br/lapses